

EFEITOS DO SEXO DO PROTAGONISTA NA AVALIAÇÃO DE DIFERENÇAS DE GÊNERO NO JULGAMENTO MORAL^{1, 2}

Silvia Helena Koller³

Angela Vinas

Angela Biaggio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO - A metodologia kohlbergiana para avaliar o raciocínio moral foi repetidamente acusada de sexismo, porque os protagonistas dos dilemas eram homens. Essas críticas não consideram o gênero dos sujeitos. Este estudo verifica a influência do sexo do protagonista do dilema no julgamento moral de homens e mulheres andróginos, tipificados e indiferenciados. Foram testados 180 estudantes universitários, 90 de cada sexo, 60 de cada gênero, entre 18 e 25 anos de idade, com o BSRI e o MJJ em duas formas: protagonista masculino e feminino (metade com o sexo igual ao seu e o restante diferente). Uma ANOVA revelou que o sexo do protagonista do dilema não produz diferenças significativas no julgamento moral entre os gêneros, ou entre os sexos. A falta de um efeito significativo indica que quando o raciocínio moral é avaliado pelo MJJ, o sexo do protagonista não contribui para estabelecer diferenças entre os sexos ou entre os gêneros.

Palavras-chave: gênero, moralidade, julgamento moral.

EFFECT OF PROTAGONIST'S SEX ON ASSESSING GENDER DIFFERENCES IN MORAL REASONING

ABSTRACT - Kohlbergian methodology for assessment of moral judgment has been repeatedly accused of sexism. This bias is attributed

¹ Trabalho apresentado no XI Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioural Development (ISSBD), Minnesota (EUA), 1991.

² As autoras agradecem ao Prof. Cláudio S. Hutz pelo auxílio na análise estatística e pela leitura do texto.

³ Endereço: Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos 2600, 90210 Porto Alegre-RS.

in part to the male protagonists in the assessment of moral judgment. On the other hand, critics of Kohlberg neglect to consider gender roles played by the subjects in society. These variables together reveal the subjects gender: androgynous, typified or undifferentiated. This study aims at verifying the influence of sex of protagonist of the dilemma upon moral judgment of subjects of different sex and gender. The subjects were 180 university students, 90 of each sex, 60 of each gender, between 18 and 25 years of age. The materials are: the BSRI and the MJI, in two forms: with male and female protagonist. Half answered the MJI with **the** same-sex form, and the other half with the opposite-sex form. An ANOVA revealed that sex of protagonist does not produce significant differences in level of moral judgment among genders or between sexes. We conclude that accusations of sex bias are not supported by these data.

Key-words: gender, morality, moral judgment.

A metodologia kohlbergiana para avaliar o raciocínio moral tem sido repetidamente acusada de sexismo. Este viés é atribuído ao sexo do protagonista dos dilemas morais propostos pelo autor, em sua entrevista de avaliação do julgamento moral (MJI), que são sempre homens (Kohlberg, 1971: 1981: 1984). Frente a isto, as mulheres sempre apresentariam níveis menos válidos de julgamento moral por uma inabilidade de identificação a protagonistas masculinos. No entanto, os críticos de Kohlberg deixam sempre de considerar os papéis sexuais desempenhados pelos sujeitos na sociedade e o somatório de valores inerentes a estes. Estas duas variáveis associadas revelam os papéis de gênero do sujeito, que podem ser classificados como andróginos, tipificados sexualmente (masculinos e femininos) e indiferenciados, segundo Sandra Bem (1974, 1977).

O sexo do protagonista de um dilema traz consigo uma identidade carregada de estereótipos sexuais e sociais. Conforme define Halpern (1985), um estereótipo é uma concepção relativamente rígida de um grupo de indivíduos no qual todos os componentes são rotulados com características comuns a todo o grupo. Rodrigues (1988, p. 217) define estereótipo como "a imputação de certas características a pessoas pertencentes a determinados grupos, aos quais se atribuem determinados aspectos típicos".

Os papéis sexuais estereotipados servem para organizar e estruturar as informações advindas do meio social, favorecendo uma operação cognitiva. Martin e Halverson (1981), em estudos com crianças e literatura infantil, verificaram que a informação que é consistente com o estereótipo do próprio sexo será melhor recordada porque a criança atentar-se-á mais para esta informação.

O indivíduo mantém a dicotomia primária de "coisas para mim" e "coisas não para mim", que se transformará na tradicional divisão entre "coisas masculinas" e "coisas femininas". Se a sua conceitualização é correta, então a memória, os valores atribuídos, o interesse para as histórias e eventos dependeram de que sexo terá o sujeito e de que sexo terá o protagonista da história (Martin & Halverson, 1981).

Os trabalhos sobre memória e estereotipia sexual de Halpern (1985) confirmam a idéia de que os sujeitos estão mais provavelmente identificados com o protagonista

do mesmo sexo. Homens lembram mais de personagens masculinos do que dos femininos e vice-versa com relação às mulheres.

A literatura psicológica social tem demonstrado que as pessoas fazem descrições mais apropriadas quando estas se referem às pessoas de seu próprio grupo do que quando descrevem outros grupos. O sexo dos indivíduos serve como um fator definido para referir-se a um membro do grupo (Kohlberg, 1966). De acordo com isto, sujeitos podem mais provavelmente acreditar que as características de papéis sexuais estereotipados são reais quando eles pertencem ao mesmo sexo do que quando são usadas para descrever alguém cujo sexo não é o mesmo que o seu (Halpem, 1985).

Muitos estudos foram realizados para investigar o efeito do sexo do protagonista no julgamento moral. Estes estudos sugerem que a avaliação do julgamento moral está carregada de viés sexual. Esta atribuição é feita porque o MJI de Kohlberg, bem como outros instrumentos de avaliação do nível de julgamento moral apresentam protagonistas masculinos em seus dilemas, além do fato de que estes instrumentos tratam a moralidade como uma questão de justiça - masculina, sem preocupar-se com a moralidade do cuidado e da responsabilidade - feminina (Gilligan, 1979,1982).

O sexo dos protagonistas, sendo sempre masculino, determinaria resultados menos válidos para as mulheres, as quais seriam parcialmente devidos a uma incapacidade de identificação total das mulheres com os protagonistas masculinos (Bussey & Maughan, 1982; Garwood, Levine & Ewing, 1980; Maccoby & Jacklin, 1974).

Se isto é verdade, mulheres devem exibir níveis mais válidos de julgamento moral quando os protagonistas dos dilemas forem mulheres do que quando forem homens. Comparativamente, homens se expostos a protagonistas femininos devem responder diferentemente ou obterem menores índices, do que quando são expostos a protagonistas masculinos. No entanto, os trabalhos realizados até o momento, para verificar esta hipótese, apresentaram resultados controversos.

Bussey e Maughan (1982) variaram o sexo do protagonista central do dilema e observaram que homens respondendo aos dilemas com o protagonista feminino apresentaram razões para ações femininas congruentes com o estágio 3. Em suas respostas com protagonistas masculinos, os homens apresentaram o estágio 4. Nenhuma diferença foi encontrada nos julgamentos femininos com protagonistas de ambos os sexos, ou seja, mulheres apresentaram respostas de estágio 3 em instrumentos com protagonistas masculinos e femininos. No estudo de Freeman e Giebink (1979), as mulheres apresentaram respostas em níveis mais altos quando o sexo dos protagonistas era feminino.

Wilson (1977) verificou que indivíduos de ambos os sexos obtinham maiores escores na escala e julgamento moral quando os protagonistas eram femininos.

Orchowsky e Jenkins (1979) encontraram um nível de julgamento moral mais desenvolvido quando o sujeito era homem e o sexo do protagonista era feminino e vice-versa.

No trabalho de Garwood, Levine e Ewing (1980), usando o DIT (Defining Issues Test) para medir o julgamento moral em duas formas (a primeira com o sexo do protagonista trocado e a outra padrão) não encontraram respostas diferentes quanto ao nível de julgamento moral ao variar o sexo do protagonista.

Alguns problemas metodológicos e teóricos prejudicaram o desenvolvimento

destes estudos anteriormente citados. Esta crítica refere-se à dicotomização entre os indivíduos como meramente portadores de um sexo biológico.

Uma nova proposta em Psicologia faz crer que o ser homem e o ser mulher convergem para um gênero andrógino (Bem, 1977; Cook, 1985). O conceito de androginia apareceu contemporaneamente na literatura por diversos autores (Block, 1973; David, 1975; Hurtig, 1982; Pleck, 1975; Rebecca, Hefner & Olechansky, 1976). O andrógino enfrenta o cotidiano social, suas regras e normas com maior fluidez e segurança, de acordo com as situações encontradas, a oportunidade de desempenhar papéis e as expectativas com relação a si próprio. O andrógino liberta-se de estereótipos e demonstra maior flexibilidade quanto aos papéis sexuais e às questões morais (Bem, 1975, 1981; Cook, 1985; Spence & Helmreich, 1981; Spence, Helmreich & Stapp, 1975).

Este estudo discute as diferenças entre homens e mulheres baseadas nesta nova idéia de Psicologia do gênero. Estas diferenças são abordadas com relação ao gênero dos indivíduos, ao invés de considerá-las apenas em relação ao sexo dos mesmos. O sexo dos indivíduos é uma variável biológica que tem sido usada em pesquisas em Psicologia. A variável *gênero* relaciona-se a uma nova postura científica nos estudos em Psicologia e é uma variável psicológica. Gênero é o conjunto de atribuições psicológicas dado ao sujeito a partir da constatação de seu sexo biológico.

Julga-se que tal atribuição leva o indivíduo a comportar-se de maneira diferente frente a situações que lhe exijam uma atitude masculina e/ou feminina (Unger, 1979; 1989). A novidade aparece com relação às categorias *andrógino* e *indiferenciado*. A categoria andrógino é representada por indivíduos de ambos os sexos biológicos que possuem equilibradamente características das categorias masculino e feminino frente a situações que exijam atitudes específicas a cada uma delas. Os indivíduos indiferenciados são aqueles que não apresentam características expressivas das categorias anteriormente citadas, quando diante de situações que as exijam.

Este estudo visa verificar a influência do sexo do protagonista do dilema no julgamento moral dos sujeitos dos diferentes gêneros e dos dois sexos. Hipotetiza-se que: 1. os sujeitos tipificados sexualmente e sujeitos indiferenciados alcançarão maiores índices de desenvolvimento do julgamento moral, quando responderem aos dilemas morais com o sexo do protagonista do instrumento igual ao seu e vice-versa; 2. os sujeitos andróginos apresentarão resultados semelhantes para os dois protagonistas de sexos distintos; 3. há diferenças no nível de julgamento moral entre os sujeitos de cada sexo para protagonistas masculinos e femininos.

MÉTODO

Sujeitos

Foram testados 180 estudantes universitários, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 25 anos. Destes foram escolhidos 60 sujeitos categorizados como andróginos, 60 como indiferenciados e 60 como tipificados sexualmente. Metade dos sujeitos era de sexo masculino (90) e a outra metade de sexo feminino (90). Os estudantes universitários cursavam a disciplina de Estudos dos Problemas Brasileiros, que inclui alunos de diversos cursos e semestres escolares da universidade.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos para a execução deste estudo. O primeiro deles foi o BSRI (Bem Sexual Role Inventory), produzido por Bem (1974, 1977), traduzido e adaptado para o Brasil em 1982 por Oliveira. O instrumento consiste em três escalas: masculinidade, feminilidade, neutra. Cada escala possui vinte itens que devem ser avaliados pelos sujeitos em uma escala de pontos, onde 1 corresponde a um item "nunca verdadeiro" e 7 a um item "sempre verdadeiro". Com base em suas respostas o indivíduo recebe três escores, obtidos através da média dos pontos obtidos em cada escala. A escala neutra tem a importância de prover um contexto neutro às escalas de masculinidade e feminilidade. A classificação dos sujeitos foi feita com base na proposta seguinte:

- a. Tipificados sexualmente:
 - Masculino: escore acima da mediana 4,49 na escala de masculinidade, e escore abaixo da mediana de 4,40 na escala de feminilidade.
 - Feminino: escore acima da mediana 4,40 na escala de feminilidade, e escore abaixo da mediana 4,49 na escala de masculinidade.
- b. Andrógino: escore acima da mediana 4,49 na escala de masculinidade e escore acima da mediana de 4,40 na escala de feminilidade.
- c. Indiferenciado: escore abaixo da mediana 4,49 na escala de masculinidade e escore abaixo da mediana 4,40 na escala de feminilidade.

O segundo instrumento foi o MJJ (Moral Judgment Interview) de Kohlberg. Trata-se de uma entrevista traduzida para o português, do original em inglês, usada em diversas culturas, inclusive na cultura brasileira, como por exemplo, nos estudos de Biaggio (1984). Este instrumento forneceu o MMS (Moral Maturity Score). Os escores de 100 a 199 correspondem ao estágio "1", os escores 200 a 299 correspondem ao estágio "2", os escores 300 a 399 correspondem ao estágio "3" e assim por diante. O MJJ foi usado em duas formas: a. conforme criado por Kohlberg, ou seja com o sexo do protagonista masculino; b. com o sexo do protagonista feminino. Os dilemas utilizados foram: "Heinz e o roubo do remédio", "João e o seu pai" e "Dr. Jefferson e a eutanásia". Os protagonistas femininos foram adaptados aos dilemas propostos por Kohlberg, que passaram a ser denominados como: "Elizabeth e o roubo do remédio", "Júlia e a sua mãe" e "Dra. Cristina e a eutanásia". As problemáticas abordadas foram: vida, lei, qualidade de vida, preservação da vida, contrato e autoridade. As entrevistas foram avaliadas por três revisores separadamente e comparadas ao final, segundo o manual de Kohlberg, Colby, Gibbs e Dubin (1978), que embora ofereça instruções detalhadas, pode sugerir um certo grau de subjetividade do avaliador.

Delineamento

Foi utilizado um delineamento fatorial 2 x 2 x 3, envolvendo sexo do sujeito, sexo do protagonista e gênero, com 15 sujeitos em cada célula, ou seja, um total de 180 sujeitos em doze grupos.

Os grupos foram formados como está especificado na Tabela 1.

Tabela 1 - Delineamento do Experimento

Sexo do protagonista	Indiferenciados		Tipificados		Andróginos	
	masculino	feminino	masculino	feminino	masculino	feminino
masculino	grupo 1 n = 15	grupo 2 n = 15	grupo 3 n = 15	grupo 4 n = 15	grupo 5 n = 15	grupo 6 n = 15
feminino	grupo 7 n = 15	grupo 8 n = 15	grupo 9 n = 15	grupo 10 n = 15	grupo 11 n = 15	grupo 12 n = 15

Procedimento

Os sujeitos foram testados em grupo com ambos os instrumentos em duas etapas. Inicialmente foi aplicado o BSRI para categorizar os indivíduos como tipificados sexualmente, indiferenciados ou andróginos. Uma vez categorizados segundo o BSRI, foi aplicado o MJJ. Metade dos sujeitos foram testados como o MJJ tradicional de Kohlberg e os demais sujeitos com o MJJ com protagonista do sexo feminino.

RESULTADOS

A Tabela 2 apresenta as médias e os desvios-padrão do nível de julgamento moral de cada grupo da amostra.

Tabela 2 - Médias e desvios-padrão do nível de julgamento moral (MMS) de cada grupo

Sexo do protagonista	Indiferenciados		Tipificados		Andróginos	
	sexo		sexo		sexo	
	masculino	feminino	masculino	feminino	masculino	feminino
masculino	281,70 26,07	277,06 43,68	306,46 36,07	305,58 38,43	328,47 64,63	349,50 53,56
feminino	290,04 27,97	271,96 37,39	299,64 31,99	307,08 26,89	334,74 53,33	318,08 58,85

Os dados obtidos foram inicialmente submetidos a uma análise de variância, utilizando um modelo adequado para este tipo de delineamento. Os casos que apresentaram diferenças significativas foram submetidos a um teste F para efeitos simples para comparações a posteriori (Myers, 1979).

Uma ANOVA revelou que há diferenças no nível de julgamento moral entre os gêneros ($F(2,168) = 21,944$; $p < 0,01$); os andróginos apresentaram níveis mais elevados de julgamento moral ($MMS=332,7$) do que os tipificados sexualmente ($MMS=304,69$) e estes mais do que os indiferenciados ($MMS=280,19$). Koller (1990) discute amplamente estes resultados, enfatizando as implicações da variável gênero no julgamento moral.

Tabela 3 - Sumário da análise de variância para julgamento moral x gênero x sexo x sexo do protagonista

Fonte	SQ	GL	MQ	F	P <
Total	410899,528	179	2295,528		
Gênero	82842,438	2	41421,219	21,944	0,001
Sexo	173,657	1	173,657	0,092	0,762
Protagonista	925,707	1	925,707	0,490	0,485
Gênero x Sexo	1993,831	2	996,916	0,528	0,591
Gênero x Protagonista	1590,029	2	795,014	0,421	0,657
Sexo x Protagonista	2289,800	1	2289,800	1,213	0,272
Gênero x Sexo x Protagonista	3972,556	2	1986,278	1,052	0,351
Erro	317113,440	168	1887,587		

Estes resultados demonstram ainda que os sujeitos de diferentes gêneros não apresentam diferenças significativas ($F < 1$) de julgamento moral em respostas aos dilemas com protagonistas dos dois sexos.

A média do nível de julgamento moral de todos os sujeitos para protagonistas de sexo masculino foi 308,12 e para protagonistas de sexo feminino foi 303,59. Os sujeitos indiferenciados que responderam ao MJJ com protagonistas femininos apresentaram $MMS=281$ e com masculinos, $MMS=279,38$. Os tipificados sexualmente apresentaram $MMS=303,36$ para protagonistas femininos e $MMS=306,02$ para protagonistas masculinos. Os andróginos apresentaram $MMS=326,41$ para protagonistas femininos e $MMS=338,99$ para protagonistas masculinos.

Não há diferenças significativas entre os gêneros com relação ao sexo do protagonista, da mesma forma que não há diferenças significativas entre esta última variável e o sexo dos indivíduos. Os homens obtiveram um $MMS=305,54$ quando o sexo do protagonista era masculino e $MMS=308,14$ quando era feminino. As mulheres obtiveram um $MMS=299,04$ quando, o sexo do protagonista era feminino e $MMS=310,71$ quando o protagonista era masculino.

Com relação às diferenças de sexo no julgamento moral, os resultados desta amostra não evidenciaram diferenças significativas entre sujeitos masculinos e femininos ($F < 1$). A média obtida na amostra deste estudo pelos sujeitos de sexo masculino foi 304,87, e pelos sujeitos de sexo feminino foi de 306,84. Estes resultados apoiam os achados de Walker (1984, 1986), Pratt e Royer (1982) e Froming (1978).

As interações entre gênero e sexo, gênero e sexo do protagonista, gênero e sexo dos sujeitos e dos protagonistas não foram significativas ($F < 1$) (ver Tabela 3).

A primeira e terceira hipóteses não foram confirmadas. A segunda hipótese foi confirmada. Os sujeitos tipificados sexualmente e os sujeitos indiferenciados não alcançaram maiores índices de desenvolvimento do julgamento moral, quando responderam aos dilemas morais com o sexo do protagonista do instrumento igual ao seu e vice-versa. Os sujeitos andróginos apresentaram resultados semelhantes para os protagonistas de sexos distintos. Não há diferenças no nível de julgamento moral entre os sujeitos de cada sexo para protagonistas masculinos e femininos.

DISCUSSÃO

A primeira hipótese deste estudo predizia que os sujeitos tipificados sexualmente e sujeitos indiferenciados alcançariam maiores índices de desenvolvimento do julgamento moral, quando respondessem aos dilemas morais com o sexo do protagonista do instrumento igual ao seu e vice-versa. Com base nas características de ambos os gêneros hipotetizou-se que os sujeitos de ambos os grupos seriam afetados pelo sexo do protagonista, uma vez que este traz consigo uma identidade carregada de estereótipos sexuais e sociais. Os papéis sexuais estereotipados servem para organizar e estruturar as informações advindas do meio social, favorecendo uma operação cognitiva.

A ANOVA demonstrou que esta hipótese não se confirma, uma vez que o sexo do protagonista do instrumento não produziu diferenças significativas ($F < 1$) nas respostas de julgamento moral dos sujeitos tipificados sexualmente e/ou indiferenciados.

Para Cook (1985), os tipificados sexualmente seriam mais motivados a manter sua auto-imagem como masculina e feminina ou a apresentar publicamente imagens estereotipadas, preferindo atividades tipificadas e resistindo a atividades não tipificadas. Os sujeitos indiferenciados manteriam uma dicotomia primária baseada na tradicional divisão entre "coisas masculinas" e "coisas femininas".

Os resultados deste estudo não apoiam estas idéias, demonstrando que não necessariamente os sujeitos tipificados sexualmente e indiferenciados vinculam seus julgamentos morais às características de papéis sexuais estereotipados. Estas não seriam mais reais quando os sujeitos pertencem ao mesmo sexo do protagonista do que quando são usadas para descrever alguém cujo sexo não é o mesmo que o seu.

A segunda hipótese deste estudo predizia que os sujeitos andróginos apresentariam resultados semelhantes quanto ao julgamento moral frente a protagonistas de ambos os sexos, fato que foi confirmado pelos dados deste estudo.

Bem (1975) afirma que os andróginos de ambos os sexos são capazes de desempenhar melhor tanto comportamentos femininos quanto masculinos do que os demais gêneros.

O indivíduo andrógino, com relação aos demais gêneros, apresentaria mais facilmente comportamentos e julgamentos desde um ponto de vista que não é o seu, ou seja, teria mais facilidade de colocar-se no lugar do outro, de fazer julgamentos a partir do ponto de vista do outro.

Os resultados obtidos pelos andróginos apoiam os objetivos de busca de

possíveis diferenças entre os sujeitos da amostra, considerando-se que não são influenciados pelo sexo do protagonista dos dilemas morais, devido a sua eficiente capacidade de se colocar no lugar do outro, pela possível capacidade de desempenhar socialmente seus papéis com maior facilidade e por serem capazes de apresentar maiores níveis de julgamento moral. Concordam também com as proposições de Bem (1977), Oliveira (1982), e Spence, Helmreich e Stapp (1975), com relação a estas características.

A terceira hipótese deste estudo predizia que o julgamento moral de sujeitos de cada sexo seria diferente para protagonistas masculinos e femininos. Esta hipótese não foi confirmada.

Muitos estudos foram realizados para investigar o efeito do sexo do protagonista no julgamento moral. Estes estudos levaram em conta a variável biológica sexo, que foi substituída neste estudo pela variável psicológica gênero. Eles sugerem que a avaliação do julgamento moral está carregada de viés sexual. Esta atribuição é feita ao MJJ de Kohlberg. Esta questão baseia-se no fato de que o MJJ apresenta protagonistas masculinos em seus dilemas, trata a moralidade como uma questão de justiça (masculina), sem preocupar-se com a moralidade do cuidado e da responsabilidade (feminina).

Este sexismo, segundo alguns autores, determinaria baixos resultados das mulheres nas escalas de julgamento moral, e seriam parcialmente devidos a uma incapacidade de identificação total das mulheres com os protagonistas masculinos (Bussey & Maughan, 1982; Garwood, Levine & Ewing, 1980; Maccoby & Jacklin, 1974). No entanto, a afirmação contrária deveria ser verdadeira, ou seja, as mulheres, por identificação, deveriam exibir níveis maiores de julgamento moral quando os protagonistas dos dilemas fossem mulheres e os homens, se expostos a protagonistas femininos, deveriam responder diferentemente ou obter menores índices, do que quando são expostos a protagonistas masculinos.

A revisão da literatura revelou que os estudos realizados com a mudança do sexo dos protagonistas apresentaram resultados controversos. Os resultados obtidos por Freeman e Giebink (1979), Wilson (1977), Orchowsky e Jenkins (1979) não concordam com os dados deste estudo. Os resultados de Bussey & Maughan (1982) concordam apenas em parte com os achados deste estudo, ou seja, que nenhuma diferença foi encontrada nos julgamentos femininos com protagonistas de ambos os sexos. No trabalho de Garwood, Levine e Ewing (1980), usando o DIT, também não foram encontradas respostas diferentes quanto ao nível de julgamento moral ao variar o sexo do protagonista.

Para Donenberg e Hoffman (1988), a tendência de mulheres para alcançar maiores níveis de julgamento moral está relacionada com uma maior habilidade de desempenhar papéis na sociedade e à possibilidade de desenvolver o raciocínio sobre perspectivas distintas. Este argumento aproxima as idéias dos autores citados à proposição deste trabalho, com a inclusão da variável gênero que abrange estas possibilidades.

Certamente a disparidade de resultados com relação às amostras submetidas a instrumentos com protagonistas de ambos os sexos deve-se a alguns problemas metodológicos e teóricos. Entre eles, a dificuldade de abordar adequadamente os indivíduos com relação ao seu desenvolvimento psicológico particular. Um dos aspectos

relevantes deste largo âmbito psicológico pode dizer respeito exatamente à questão do gênero do indivíduo.

Basicamente, pode-se concluir que talvez a influência do sexo na visão dos indivíduos, bem como da variável biológica "sexo", nas pesquisas em Psicologia deva realmente ser absorvida por novas propostas sociais, que afetam tanto a moralidade quanto o desempenho de papéis sexuais na sociedade.

Outra conclusão cabível refere-se ao fato de que os dados deste estudo possam responder à crítica sobre o sexismo da metodologia Kohlbergiana, com relação ao sexo do protagonista do dilema moral. Apesar de ter gerado tanta controvérsia, os resultados deste estudo sugerem que este aspecto metodológico talvez não tenha um potencial sexista tão marcante quanto o que foi inicialmente afirmado.

Pedersen e Bond (1985) consideram estas mudanças das atitudes sexuais dos indivíduos como reflexos de fatores culturais e históricos, como o movimento de liberação da mulher e a relevância dada aos direitos da mulher. Não se pode negar que o crescimento do movimento feminino nas últimas décadas destacou a utilidade desgastada dos papéis tradicionais dos homens e das mulheres e as bases que as haviam perpetuado. Com a industrialização e o crescimento da classe média, argumentos tradicionais para o "papel apropriado das mulheres" tornaram-se menos convincentes, porque as novas ocupações emergentes demandavam menos das capacidades físicas superiores dos homens e mais do treinamento e educação que ambos os sexos seriam capazes de desempenhar. O constante questionamento sobre a tradicional afirmação de que a saúde mental é representada pela mulher feminina ou pelo homem masculino é produto do movimento de liberação da mulher (Bem & Lenney, 1976).

A androginia reconceitualiza a masculinidade e a feminilidade abrindo novas possibilidades para analisar os papéis sexuais através da aceitação de padrões complexos de características masculinas e femininas, dentro e através da visão de ambos os sexos. O custo de tratar semelhanças entre os sexos como achados inconsequentes e, ou ainda, resultados inexplicáveis, circula em torno de uma dicotomização homem/mulher que falha na representação da diversidade das qualidades individuais e da complexidade da cultura. O indivíduo está sempre em cheque com as suas qualidades individuais, na sua sociedade, sendo submetido a uma série de expectativas e situações que o levam a adquirir uma identidade de gênero e julgamentos morais específicos para lidar socialmente (Koller, 1990).

Muitos pesquisadores estão reexaminando formulações passadas sobre as diferenças de sexo com uma visão crítica renovada, enfatizando semelhanças mais do que diferenças e ainda diferenças individuais mais do que diferenças homem/mulher. Greeno e Maccoby (1986) e Denmark, Russo, Frieze e Sechzer (1988) criticam estas formulações, colocando abaixo a questão da *hierarquia*, onde o topo da pirâmide seria sempre ocupado pelo sujeito de sexo masculino.

Koller (1990) conclui em seu estudo sobre os valores morais e o desempenho de papéis sexuais que novos estudos sobre a moralidade devem prestar uma atenção especial às questões propostas pela Psicologia do gênero.

As decisões e julgamentos morais podem ser influenciados pelo gênero dos indivíduos e a partir desta constatação poderia se evoluir para uma teoria mais compreensiva sobre a moralidade.

REFERÊNCIAS

- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 42*(2), 155-162.
- Bem, S. L. (1975). Sex role adaptability: one consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology, 31*(4), 634-643.
- Bem, S. L. (1977). On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 45*(2), 196-205.
- Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: a cognitive account of sex typing. *Psychological Review, 88*, 354-364.
- Bem, S. L. & Lenney, E. (1976). Sex typing and the avoidance of cross-sex behavior. *Journal of Personality and Social Psychology, 33*(1), 48-54.
- Biaggio, A. M. B. (1984). *Pesquisas em psicologia do desenvolvimento e da personalidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade.
- Block, J. H. (1973). Conceptions of sex role: some cross-cultural and longitudinal perspectives. *American Psychologist, 28*, 512-526.
- Bussey, K. & Maughan, B. (1982). Gender differences in moral reasoning. *Journal of Personality and Social Psychology, 42*(4), 701-706.
- Cook, E. P. (1985). *Psychological androgyny*. New York: Pergamon.
- David, C. (1975). La bissexualité psychique. *Revue Française de Psychanalyse, 39*, 695-856.
- Denmark, F., Russo, N. F., Frieze, I. M. & Sechzer, J. A. (1988). Guidelines for avoiding sexism in psychological research: a report of the Ad Hoc Committee on nonsexist research. *American Psychologist, 43*(7), 582-585.
- Donenberg, G. R. & Hoffman, L. W. (1988). Gender differences in moral development. *Sex Roles, 78*(11/12), 701-717.
- Freeman, S. J. M. & Giebink, J. W. (1979). Moral judgment as a function of age, sex, and stimulus. *The Journal of Psychology, 102*, 43-47.
- Froming, W. J. (1978). The relationship of moral judgment, self-awareness, and sex to compliance behavior. *Journal of Research in Personality, 12*, 396-409.
- Garwood, S. G., Levine, D. W. & Ewing, L. (1980). Effect of protagonists sex on assessing gender differences in moral reasoning. *Developmental Psychology, 16*(6), 677-678.
- Gilligan, C. (1979). Woman's place in man's life cycle. *Harvard Educational Review, 49*(4), 431-446.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard Univ. Press.

- Greeno, C. G. & Maccoby, E. E. (1986). How different is the "different voice"? *Signs*(Winter), 310-316.
- Halpern, D. F. (1985). The influence of sex-role stereotypes on prose recall. *Sex roles*, 12(3/4), 363-375.
- Hurtig, M. C. (1982). L'elaboration socialisée de la différence des sexes. *Enfance*, 4, 283-302.
- Kohlberg, L. (1966). A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. Em E. Maccoby (Org.). *The development of sex differences*, Stanford: Stanford Univ. Press. 1:82-173.
- Kohlberg, L. (1971). "From Is to Ought: How to commit the naturalistic fallacy and get away with it in the study of moral development". Em: T. Mischel (Org.). *Cognitive Development and Epistemology*. New York: Academic Press.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development: The Philosophy of moral development*. Volume 1, 1ª ed. San Francisco: Harper e Row.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development: The Psychology of moral development*. Volume 2, 1ª ed. San Francisco: Harper e Row.
- Kohlberg, L., Colby, A., Gibbs, J. & Dubin, B. S. (1978). *Standard form scoring manual*. Cambridge, Mass: Harvard Press.
- Koller, S. H. (1990). Valores morais e desempenho de papéis sexuais. *Anais do III Simpósio de Intercâmbio Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia*, pp. 349-352.
- Maccoby, E. E. & Jacklin, C. N. (1974). *The Psychology of sex differences*. Stanford: Stanford Press.
- Martin, C. L. & Halverson, C. F. (1981). A schematic processing model of sex typing and stereotyping in children. *Child Development*, 52, 1119-1134.
- Myers, J. L. (1979). *Fundamentals of experimental design*. Boston: Allyn and Bacon.
- Oliveira, L. S. O. (1982). *Masculinidade feminilidade androginia*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Orchowsky, S. J. & Jenkins, L. R. (1979). Sex biases in the measurement of moral judgment. *Psychological Reports*, 44, 1040.
- Pedersen, D. M. & Bond, B. L. (1985). Shifts in sex-role after a decade of cultural change. *Psychological Reports*, 57, 43-48.
- Pleck, J. H. (1975). Masculinity-femininity: current and alternative paradigms. *Sex Roles*, 1, 161-178.
- Pratt, M. W. & Royer, J. M. (1982). When rights and responsibilities don't mix: sex and sex-role patterns in moral judgment orientation. *Canadian Journal Behavior Science*, 14, 190-204.

- Rebecca, M., Hefner, R. & Olechansky, B. (1976). A model of sex-role transcendence. *Journal of Social Issues*, 32, 197-206.
- Rodrigues, A. (1988). *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Spence, J. T. & Helmreich, R. (1981). Androgyny versus gender schema: a comment on Berrfs gender schema theory. *Psychological Review*, 88(4), 365-368.
- Spence, J. T., Helmreich, R. & Stapp, J. (1975). Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32(1), 29-39.
- Unger, R. K. (1979). Toward a redefinition of sex and gender. *American Psychologist*, 54(11), 1085-1094.
- Unger, R. K. (1989). *Representations social constructions of gender*. New York: Baywood.
- Walker, L. J. (1984). Sex differences in the development of moral reasoning: a critical review. *Child Development*, 55, 677-691.
- Walker, L. J. (1986). Sex differences in the development of moral reasoning: a rejoinder to Baumrind. *Child Development*, 57, 522-526.
- Wilson, S. L. (1977). The relationship between sex role development and moral judgment. *Psychological Reports*, 42, 966.

Submetido em 10.04.1992
Aceito em 02.06.1992